

Política e Protesto no Brasil Recente: uma análise das manifestações de junho de 2013.

Jose Carlos Martines Belieiro Junior y Eser Azael Moreira Lopes.

Cita:

Jose Carlos Martines Belieiro Junior y Eser Azael Moreira Lopes (2017). *Política e Protesto no Brasil Recente: uma análise das manifestações de junho de 2013*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/1434>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

**Política e protesto no Brasil recente: uma análise das
manifestações de junho de 2013**

Prof. Dr. José Carlos Martines Belieiro Junior

jcmbjunior@yahoo.com.br

Eser Azael Moreira Lopes

eser-lopes@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Brasil

Resumo

O trabalho apresenta uma análise nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo em sua dimensão ideológica. Utilizando a díade direita e esquerda como referência. Divide-se os protestos em 3 momentos distintos, para demonstrar a cisão ideológica que se deu nas ruas durante as manifestações, argumentando que o junho de 2013 é um marco que inaugura a polarização política e ideológica ao qual o Brasil se encontra.

Palavras chaves: manifestações de junho; ideologias; esquerda-direita

Abstract

The paper presents an analysis of the manifestations of June 2013 in São Paulo in its ideological dimension. Using the right and left dyad as a reference. The protests are divided in 3 different moments, to demonstrate the ideological split that took place on the streets during the demonstrations, arguing that June 2013 is a milestone that inaugurates the political and ideological polarization to which Brazil finds itself.

Key words: June demonstrations; ideologies; left right

Introdução

Este artigo é resultado de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGCS/UFSM). A dissertação pretende fazer uma análise nas chamadas “manifestações de junho de 2013”, como início de vários protestos, se estendendo por todo o país. Para isto, tem-se como universo empírico a cidade de São Paulo, por dois motivos principais: em primeiro lugar, por marcar o início dos protestos deste mês e possuir uma característica específica - os confrontos violentos com a polícia que provocaram a massificação dos atos e a adesão da opinião pública; em segundo lugar, pela disponibilidade dos dados referentes a esta cidade.

O trabalho tem o objetivo de apreender as manifestações político-ideológicas presentes nestes atos, tentando enquadrá-las na díade direita e esquerda. Tentando compreender com este espectro político se configurou nos protestos do mês de junho de 2013 em São Paulo. Os questionamentos que orientam esta pesquisa são: Como se configurou o espectro ideológico direita-esquerda nas manifestações de junho de 2013

em São Paulo? É possível indicar uma polarização ideológica nas ruas de São Paulo durante os protestos? Quais os principais grupos envolvidos e suas inclinações ideológicas?

Para isso, acompanhou-se a cobertura em dois tipos de mídia. A mídia tradicional, é representada pela Folha de São Paulo. De um lado, a chamada “mídia alternativa”, representada aqui pelo Mídia Ninja. Procurou-se acompanhar a cobertura durante todo o mês, através destes dois meios de informação. A Folha de São Paulo, através de seu acervo impresso disponibilizado em seu sítio oficial. E a Mídia Ninja, através de sua página no Facebook e seu sítio oficial na internet, e no canal do Youtube. Pretende-se colaborar com os debates e análises sobre a atual polarização política e ideológica do Brasil atual, tendo junho de 2013 como importante marco.

Ideologias políticas e a díade direita-esquerda

O artigo defende que as ideologias políticas tradicionais como a díade direita e esquerda compareceram nos eventos de junho de 2013 em São Paulo. Assim, como forma de sustentar nosso principal argumento, se faz necessário mencionar o conceito de direita e esquerda no trabalho.

Segundo o Dicionário de Política (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585), Norberto Bobbio cunhou “duas tendências gerais” para o uso do termo ideologia. Para o autor, são duas possibilidades: o “significado fraco” e o “significado forte”. A perspectiva que interessa este trabalho é a primeira que trata a ideologia como um sistema de crenças políticas que norteiam o pensamento e as ações dos indivíduos que por ela se orientam, nas palavras dos autores, “um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585).

Fernando Scheefffer (2016), propõe entender ideologia como sinônimo de “ideologia política”, ou seja, “trata-se de uma arena de disputa de diferentes projetos e que norteia o campo político” (SCHEEFFFER, 2016, p. 36). Define-se ideologia como um conjunto de crenças políticas que orientam as ações e o pensamento de um determinado grupo e/ou indivíduos e que, quando divergentes, tendem a se contrapor em uma arena adaptada ao conflito político. As ideologias políticas se orientam por projetos de mundo que podem ser antagônicos e que, quando o são, tendem a constituir polos específicos que abrangem um determinado pensamento de uma época histórica. Para este entendimento,

é útil a utilização da díade esquerda-direita que orienta formas de pensar divergentes e conflituosas por localizarem-se em polos distintos da disputa política.

Os termos direita e esquerda possuem um grande histórico dentro das ciências sociais, surgindo na época da Revolução Francesa, como expuseram Taroucco e Madeira (2011), quando os delegados identificados com os lemas da revolução defendendo a liberdade e a igualdade sentavam-se à esquerda do rei, enquanto os delegados identificados com a ordem aristocrática sentavam-se à direita. O significado foi se alterando ao longo do tempo, mas a ideia de revolução, como a mudança do *status quo*, permanece como o farol das ideias de esquerda. Enquanto a direita sempre esteve preocupada em manter a ordem estabelecida, com receio das mudanças bruscas.

No decorrer dos séculos XIX e XX, com o surgimento dos movimentos proletários e das ideias socialistas e comunistas, a direita passou a defender o capitalismo, através do liberalismo, como mantenedor da ordem estabelecida, enquanto a esquerda procurava modificar e ou superar o regime capitalista.

Para Sader (1995), a atualização do espectro direita e esquerda ocorre num contexto de avanço do neoliberalismo nas sociedades contemporâneas. Aqueles que defendem as políticas neoliberais são de direita, enquanto aqueles que lutam para amenizar as desigualdades do capitalismo são de esquerda. Conforme o autor (1995, p. 14), o momento atual é marcado por um grande avanço tecnológico, mas nunca o poder sobre estes meios e os produtos que dele provém foram tão desigualmente distribuídos. “A humanidade parece caminhar ao mesmo tempo para a frente e para trás, quando seu progresso vai em direção oposta à justiça social” (SADER, 1995, p. 14), assim sendo, conclui que

Os que acreditam que o mercado supostamente livre define o destino de cada um são de direita. Os que acreditam, ao contrário, na justiça social e norteiam suas crenças, suas palavras e sua ação nesse sentido são a esquerda. (SADER, 1995, p. 17)

Para o filósofo político italiano Norberto Bobbio (1995), a dicotomia esquerda e direita na política representa os ideais de liberdade e igualdade, presentes na Revolução Francesa. A noção de liberdade, não seria capaz de definir direita e esquerda, uma vez que a realidade dos governos é contraditória, ou seja, é possível encontrar na história governos de esquerda autoritários e esquerda liberal, assim como governos de direita

autoritários e direita liberal. O ideal de igualdade para Bobbio, seria o mais conciso para definir os campos desta díade.

Para o autor, mesmo que não se possa caracterizar a esquerda como única força política capaz de acabar com todas as desigualdades e a direita comprometida com sua manutenção, este é o critério que melhor caracteriza a distinção entre os campos, já que “(...) De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais” (BOBBIO, 1995, p. 105). A esquerda defende que as desigualdades surgem no seio da estrutura social, propondo políticas e utopias que procurem diminuir-las, considerando-as elimináveis. A direita, defensora do argumento de que as desigualdades são naturais e intrínseca aos indivíduos, apoia-se na tese de que desigualdades são inerentes e intransponíveis. Desta forma, nas palavras de Bobbio

... o elemento que melhor caracteriza as doutrinas que se chamam de “esquerda”, e como tais tem sido reconhecidas é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais. (BOBBIO, 1995, p. 110)

Para este trabalho, parte-se da hipótese de que as referências de esquerda e direita foram relevantes nos movimentos de junho de 2013. Assim entende-se por esquerda os grupos estudantis radicalizados, o possuem uma pauta igualitarista e crítica da ordem capitalista, e buscam através de pressão social, defender demandas junto ao Estado, encontrando neste um instrumento para combater aquilo que eles julgam injusto na sociedade, como as desigualdades sociais. Por direita, entende-se aqueles grupos que defendem a liberdade econômica e a diminuição do Estado na economia, no entanto, em relação aos costumes sociais, defendem a manutenção da ordem tradicional, alinhando-se a um pensamento conservador. Assim, são neoliberais em relação a presença do Estado na economia, porém conservadores quando defendem as relações tradicionais da sociedade, preocupados com as mudanças que podem ocorrer caso a liberalização dos costumes tradicionais seja ameaçada.

Os Movimentos de Junho de 2013 em São Paulo

Os movimentos de junho de 2013 em São Paulo possuíram uma dinâmica que pode ser dividida em três momentos. A partir da conhecida análise de André Singer

(2013) sobre as ideologias cruzadas dos protestos de junho, referência essencial para este artigo, argumenta-se que este entrecruzamento de ideologias não ocorreu de modo pacífico nas ruas, mas com registro de violência e tensão entre diferentes grupos sociais e políticos.

Antes é necessário assinalar que a divisão das manifestações de junho em momentos distintos não apresenta em si nenhuma novidade. Autores como Gohn (2015), Alonso (2017) e Singer (2013) também pensaram as manifestações de junho a partir de momentos distintos. Entretanto, em nosso artigo há uma pequena divergência em relação às divisões cronológicas de cada momento dos protestos.

1º Momento

As manifestações de junho de 2013 no Brasil inserem-se em um contexto marcado por uma onda de protestos mundo afora, que atravessava Europa, Ásia e América do Norte (Gohn, 2015). Há evidentemente elementos em comum nesse contexto internacional, como o uso rápido das redes sociais como forma de mobilização. Há também elementos específicos à cada um dos contextos locais nos quais se deram os protestos.

O dia 6 de junho é o dia do primeiro ato do Movimento Passe Livre (MPL) contra a elevação da tarifa do transporte público no centro de São Paulo. No entanto, outros atos já haviam sido organizados por estudantes de escolas de Ensino Médio nas periferias, como ponta pé inicial para as cobranças da redução das tarifas de transporte. Este protesto do dia 6 é marcado pelo confronto com a polícia.

Os atos intensificam-se no dia posterior, dia 7 de junho, uma sexta-feira, quando se registra um aumento no número de manifestantes nas ruas. As marcas do protesto são as mesmas do dia anterior: confronto com a polícia, rastros de depredações de bens públicos e privados e violência. O dia 11 de junho marca o mais violento e mais intenso dos protestos até aquele momento. Além do MPL – que organizou os atos anteriores – somaram-se grupos organizados de jovens de partidos de esquerda, como a Juventude do Partido dos Trabalhadores (JPT). Outros coletivos também se somaram às marchas neste terceiro ato, entre eles, o Black Bloc e o Anonymous.

Conforme Gohn (2015) o MPL possui um histórico de manifestações e atos de protesto em suas ações políticas, embora nenhum deles com confrontos tão violentos

como ocorrido nas manifestações de junho de 2013. O Movimento Passe Livre se intitula “um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário”¹ (Apud GOHN, p. 46). E conta com muitos integrantes filiados a partidos de esquerda como PT, PSOL, PSTU e PCO.

Os atos do dia 13 de junho, quinta-feira, superaram os dias anteriores e marcaram uma grande guinada na opinião pública. O número de pessoas na rua se elevou consideravelmente. Se até aquele momento, os atos se reduziam a uma minoria, embora não tão pequena, formada sobretudo por jovens em protesto contra o aumento da passagem de ônibus, a partir do dia 13 a opinião pública adere às marchas, engrossando as fileiras, multiplicando as demandas e o risco de conflitos. A partir do dia 13 tem início o segundo momento dos movimentos do mês de junho, marcados então pela difusão de pautas, multiplicação de demandas – “parecia ser contra tudo” - e o cruzamento de ideologias e classes.

2º Momento

No dia 16 de junho, domingo, reportagem na Folha de São Paulo aponta que cerca de 131.246 pessoas confirmavam presença em evento do Facebook convocando para os próximos atos do dia 17 de junho (Folha de São Paulo, 16/6/2013, C1). Este é o momento que o protesto ganha adesão de outros setores da sociedade que até então não estavam presentes nos atos anteriores. Como se pode notar, no primeiro momento, convocados pelo Movimento Passe Livre, os atos eram compostos basicamente por estudantes e trabalhadores, em sua grande maioria jovens, muitos deles filiados a partidos de esquerda – por isso a importância do MPL se expressar como apartidário, mas não antipartidário- que protestaram contra o aumento das passagens de ônibus na cidade de São Paulo, que passara de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 no começo do mês. Aos atos foram somando-se outros grupos, como o Anonymous e o Black Blocs².

¹ Segundo seu site. Disponível em: www.saopaulo.mpl.org.br

² Em seu livro, Gohn (2014) dedica algumas páginas para analisar esses coletivos em especial. Segundo a autora, em relação ao Anonymous, trata-se de um grupo internacional de ativismo digital, o anonymous faz uso de programas na internet pra sobrecarregar sites oficiais de escolha para seu ataque, fazendo com que eles saiam do ar por algum tempo, denominam a atividade de cyberativismo ou *hacker*; quanto ao Black Blocs, trata-se de um grupo de inspiração anarquista, no início ligado ao movimento autonomista da Alemanha Ocidental na década de 1970, o grupo utiliza-se de ataques aos símbolos do capital – como agências bancárias e grandes empresas globais, atua nos protestos fazendo frente à polícia nos conflitos, utilizando-se de escudos feitos na rua, máscaras de gás, pedras e paus, segundo os ativistas, para defender o restante dos manifestantes quando são dispersados pelas tropas policiais. Para um melhor aprofundamento destes grupos ver Gohn (2014, pp. 51-63).

O primeiro sinal de que os protestos de junho assumiram uma nova dimensão política, não se restringindo apenas ao contexto da cidade de São Paulo ou mesmo diretamente contra o governo estadual ou municipal, apareceu já no domingo, dia 16. Na abertura da Copa das Confederações³, a presidente Dilma Rousseff (PT) foi vaiada por uma grande parte dos presentes no Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília, enquanto anunciava a abertura do evento. Na segunda-feira, 17 de junho, estavam marcados novos atos em São Paulo, se as pautas iniciais do MPL eram centradas basicamente contra o aumento da passagem, neste segundo momento, outros temas e demandas começam a aparecer, como exemplo cita-se: mais investimentos em educação, o combate à corrupção na esfera política, o fim de privilégios a políticos, etc. Se a demanda inicial era contra os R\$ 0,20 na tarifa do ônibus, agora o discurso de grande parte dos participantes e dos debates via Facebook é de que “não é só pelos 20 centavos”. Outro indicador importante do segundo momento dos protestos de junho diz respeito ao antipartidarismo e à rejeição aos partidos políticos. Os mais exaltados nas discussões nas redes sociais falavam em queimar bandeiras dos partidos políticos que se aproximassem das marchas.

Os atos da segunda-feira, 17 de junho, apresentava nas ruas tudo o que se esperava do ponto de vista da dimensão que assumiu. Assiste-se, pelo Brasil todo, manifestações nas principais cidades do país, ao menos 12 capitais registraram atos de protesto. Nas imagens das mídias estudadas aqui, percebe-se que as mensagens escritas em folhas de cartolina são bastante diversas, enquanto algumas relembram a pauta dos 20 centavos do aumento na passagem de ônibus – “R\$ 3,20 é roubo!!” -, outros exclamam exatamente o contrário – “Não é pelos 20 centavos!”. Às tradicionais cores vermelho e preto, que marcaram o primeiro momento dos protestos, soma-se o verde e amarelo da bandeira com frases e palavras de ordem exaltando trechos do hino nacional brasileiro (ALONSO, 2017).

Dados fornecidos por pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha ajudam a revelar um pouco do perfil da manifestação do dia 17. Segundo a pesquisa, aproximadamente 65 mil pessoas se reuniram no Largo da Batata, local marcado para o início dos atos em São Paulo; 84% dos participantes não possuíam preferência partidária; 71% participavam pela

³ O “estrondoso” mês de junho coincidiu com o evento da Copa das Confederações, torneio de futebol organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e que teve pela primeira vez o Brasil como país anfitrião.

primeira vez; a maioria de jovens, entre 26 e 35 anos; 77% possuíam nível superior. Pelos dados, podemos perceber que a grande maioria dos participantes do dia 17 eram estreantes em manifestações públicas, tendo participado pela primeira vez em algum ato de protesto. Estes novos grupos de escassa experiência política que engrossaram os movimentos de junho com fortes referências à rejeição da política assim chamada tradicional e à elite política como um todo, acabou por dar o tom dos protestos em sua dimensão nacional.

No dia 18 de junho, terça-feira, um novo ato nas ruas de São Paulo com características muito parecidas com o ato de protesto do dia anterior: difusão de demandas, ataques às instituições públicas e presença de 50 mil pessoas, aproximadamente; desta vez, houve também saques às lojas e depredações às várias agências bancárias na capital paulista. Ao final, novamente houve confronto com a polícia militar.

Um outro elemento que merece destaque na análise das manifestações desses dois dias, foram os ataques violentos aos órgãos de imprensa tradicionais e os grandes meios de comunicação. No dia 17, uma parte dos manifestantes seguiu até o prédio onde fica os estúdios de jornalismo da Rede Globo em São Paulo – maior grupo de mídia do Brasil - com gritos como “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo” e, no dia 18, um carro da TV Record que trabalhava na cobertura dos protestos, foi incendiado em frente à Prefeitura Municipal. Este momento das manifestações acaba por demonstrar que o MPL perdeu definitivamente o controle dos protestos, a difusão das pautas aponta que a pauta do MPL já não é a única nas ruas e sua preocupação com a violência indica que o grupo já não tem mais o controle sobre os atos e sobre a direção das marchas.

Os protestos deste segundo momento de junho foram marcados pela difusão das demandas, heterogeneidade dos grupos participantes e do perfil dos manifestantes. A diferença principal entre os dois momentos é a fragmentação dos atos de protesto, indicando claramente um entrecruzamento ideológico e de classes como bem indicou André Singer (2013). No dia 19 de junho é anunciado então a queda das tarifas de ônibus na cidade e juntamente com São Paulo mais 12 grandes cidades, incluindo outras 6 capitais – Rio de Janeiro, Cuiabá, Recife, João Pessoa, Porto Alegre e Aracajú. Os protestos surtiram efeito no poder público e a pauta do MPL logrou êxito em caráter e dimensão nacional.

Neste segundo momento, a reação dos governantes em nível nacional foi de surpresa, muitas vezes atônitos e com dificuldades de apresentar uma resposta. Na ocasião, a presidente Dilma Rousseff manifestou-se exaltando os atos, como parte normal da democracia, mas não indicou nenhuma medida a ser tomada. O que parece é que a força e a proporção que as manifestações tomaram nesta última semana pegou toda classe política de surpresa. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), que no primeiro momento defendeu a ação repressiva da polícia militar, logo que os protestos ganharam intensidade e proporção tirou a tropa de choque da rua e recuou na ação policial, proibindo inclusive o uso de bala de borracha pela PM. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), que no começo da semana marcou reunião com o MPL afirmando que não haveria possibilidade de diminuir o preço das passagens de ônibus, voltou atrás no decorrer da mesma semana anunciando a queda nos preços das passagens. A grande mídia também muda o discurso no decorrer desta segunda semana de protestos, são notáveis algumas referências como as de José Luiz Datena (TV Bandeirantes) ou Arnaldo Jabor (Tv Globo), além dos editoriais da Folha de São Paulo à qual este trabalho teve a oportunidade de acompanhar. Se na primeira semana dos atos, aponta os manifestantes como “vândalos” ou “baderneiros”, neste segundo momento exalta os protestos como atos de “cidadãos democráticos”.

3º Momento

Se o primeiro momento dos protestos foi marcado por uma orientação de esquerda, contra o aumento das passagens de ônibus. O segundo momento, foi marcado pela fragmentação de pautas e o cruzamento de ideologias e classes. Além desse fato, houve também a expansão dos protestos para a nível nacional, atingindo o governo federal e não ficando apenas na cidade de São Paulo. Neste terceiro momento, o cruzamento de ideologias se desfaz, e no lugar entra em cena o forte rechaço aos partidos políticos e às bandeiras de esquerda, o que acaba por separar os atos e diminuir a força dos protestos. Os movimentos sociais à esquerda organizam marchas nas periferias da cidade, enquanto os atos que atingem mais particularmente o governo da presidente Dilma Rousseff (PT) se espalham pelo país e são marcados por pautas difusas com particularidades regionais. Este que denomina-se aqui terceiro momento tem início nas marchas marcadas para o dia 20 de junho, quinta-feira, quando há confronto nas ruas entre movimentos sociais e partidos de esquerda e uma parte dos manifestantes que se declara apartidária.

Os atos do dia 20 de junho, quinta-feira, foram os maiores registrados deste mês. Segundo números fornecidos pelo Datafolha cerca de 110 mil pessoas estavam na Av. Paulista. O ato havia sido marcado pelo MPL para comemorar a queda das passagens. No entanto, acaba fugindo de seu controle e dispersando-se pela cidade em diferentes grupos e pautas. O dia 20 foi marcado por confronto entre grupos partidários de esquerda (o mais atingido foi o PT, mas também militantes do PSOL, PSTU, PCO) juntamente com o MPL contra grupos que se denominavam apartidários e antipartidários. A cobertura do Mídia Ninja registra um enfrentamento entre um grupo que autodenominava-se “Onda vermelha”, composto por velhos movimentos das ruas, de esquerda, com bandeiras vermelhas e socialista. Ao entrar nos atos, o grupo é enfrentado por um outro, vestido em verde amarelo (as cores da bandeira do Brasil), apresentando-se como apartidários e autodenominando-se “Os nacionalistas”. O conflito resulta em rechaço aos grupos de esquerda e também aos partidos de esquerda, inclusive ao MPL, fazendo com que alguns manifestantes tivessem que realizar um “cordão humano” para proteger outros manifestantes que estavam identificados com os partidos e grupos de esquerda.

O cruzamento de ideologias que marcou os protestos no segundo momento de junho já não estava presente de forma tão pacífica, em seu lugar entra o rechaço aos grupos e aos partidos políticos de esquerda, principalmente o PT. A ligação do partido com a corrupção começa a se tornar corrente tendo em vista os envolvimento do PT nos escândalos do “mensalão”. Nota-se também que a ligação do MPL com os partidos de esquerda acaba com sua exclusão dos protestos que inicialmente eram convocados pelo movimento.

Depois dos atos do dia 20, o MPL muda a estratégia de protesto. Ao contrário dos atos de rua como antes, o grupo passa a realizar reuniões públicas para esclarecer suas pautas. Percebe-se que esta é uma forma do MPL se retirar dos atos que, segundo o próprio coletivo, tomavam ares mais à direita, a partir daí o movimento procura se diferenciar desses grupos, afirmando sua característica de movimento de esquerda.

Em pesquisa Datafolha realizada neste dia 20 de junho nos atos da Av. Paulista, demonstra que a tarifa zero é defendida por apenas 25% dos manifestantes, em seu lugar entra o tema da “corrupção” como bandeira principal das ruas e, como vimos anteriormente, também a principal causa do confronto com militantes petistas – “os mensaleiros”, “oportunistas”. Uma das características principais deste terceiro momento de junho de 2013, foi a pulverização dos protestos, que se espalharam por toda cidade,

com pautas muito heterogêneas. Diferentemente do segundo momento, onde todas as demandas, apesar de difusas, estavam concentradas em um mesmo espaço, neste terceiro momento elas implodem em espaços geográficos diversificados. Enquanto alguns protestos continuam no centro da cidade, próximos à avenida Paulista, outros rumam para as periferias e até em aeroportos.

Durante a última semana do mês ocorreram vários atos na periferia de São Paulo organizados por movimentos como o Movimento das Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento Periferia Ativa com apoio do MPL. Entre as suas pautas estava a questão da moradia, a tarifa zero para o transporte público (a pauta do MPL), a desmilitarização da polícia militar e aumento nos investimentos em saúde e educação e críticas à realização da Copa do Mundo no país.

No centro da cidade de São Paulo, entre pautas difundidas e dispersas, são organizados os mais diversos atos nas ruas: contra a PEC37 – Proposta de Emenda Complementar que, segundo os manifestantes, tirava o poder de investigação do Ministério Público comprometendo o combate a corrupção; “contra a corrupção”; movimentos organizados pela comunidade LGBT (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais) e movimentos organizados por médicos.

Pesquisa Datafolha, realizada no dia 21 de junho, aponta que a pauta do MPL é quase irrelevante para grande parte da população de São Paulo, cuja pesquisa revela possuir outras preocupações. Na pesquisa realizada pelo instituto no dia 20, com manifestantes na Av. Paulista, os grupos identificados como extremos liberais representavam a maioria dos manifestantes, e se identificavam majoritariamente como de “centro” no espectro político-ideológico; a esquerda passou a perder espaço nos movimentos, diferentemente do primeiro momento que organizava os atos inclusive com grande participação de militantes de partidos políticos de esquerda.

A diferença é exatamente a dispersão. Diferentemente do segundo, os atos deste terceiro momento estão completamente dispersos e com pautas bem mais específicas, não havendo mais cruzamento entre ideologias e classes sociais. Após o dia 20 de junho a dispersão e a pulverização dos atos e das pautas são a marca dos protestos em São Paulo.

Conclusão

Assim como o momento histórico tratado aqui ainda continua em andamento no cenário político brasileiro, este trabalho apresenta-se nas mesmas condições. O que procurou-se tratar é que um protesto que se inicia dirigido por um grupo específico – o Movimento Passe Livre - e uma pauta específica – a queda das tarifas de transporte público em São Paulo, identificado com ideias e bandeiras de esquerda, que possui integrantes ligados a partidos de esquerda, em um dado momento se massifica e alcança a opinião pública de forma geral, expandindo-se pelo país e provocando um cruzamento entre as mais variadas ideologias. Fazendo surgir um mosaico de pautas e grupos, alguns tão distintos e até divergentes em suas visões de mundo e crenças políticas.

O que argumenta-se é que este cruzamento entre estas ideologias divergentes não se deu de forma pacífica, mas sim apontando um conflito ideológico que, de certa forma, inaugurou uma cisão que pode ser notada mais facilmente nos eventos dos anos que decorrem destes atos de junho. Se as ruas de São Paulo durante o mês de junho de 2013 apontaram um cruzamento entre ideologias distintas, como argumentou Singer (2013), este cruzamento apontou também um conflito e uma cisão ideológica entre grupos presentes nestas manifestações. Esta polarização pode ser enquadrada dentro da díade direita e esquerda.

No primeiro momento, com ideias de esquerda, estudantes defendiam a queda das tarifas de ônibus que haviam aumentado no início do mês, cobrando do Estado políticas mais igualitárias e contra os lucros, julgados “injustos”, dos empresários do transporte urbano da cidade. Apesar de apartidário, mas não antipartidário, o Movimento Passe Livre (MPL) possui vários integrantes que se identificam com partidos políticos de esquerda. Quando os atos se massificam e alcançam a opinião pública em geral, vêm para as ruas os mais diversos perfis ideológicos, que no segundo momento faz surgir um mosaico de cores e ideias. Ao perceberem que as ideias nas ruas eram divergentes, este cruzamento entra em conflito, apontando uma ruptura entre grupos de esquerda identificados com bandeiras de partidos políticos de esquerda e grupos que não se identificavam com estas ideias e partidos.

Estes três momentos distintos que foram tratados aqui procuram demonstrar que houve uma polarização ideológica nas ruas de São Paulo durante os protestos, fazendo surgir grupos de direita que nos anos posteriores vão disputar o espaço público. Grupos ligados a uma ideologia mais liberal economicamente e mais conservadora nos costumes. Apesar de não mostrarem-se organizados ainda em junho de 2013, o que pretendemos

argumentar é que esta cisão que se deu no terceiro momento fez surgir a polarização ao qual o Brasil vive nos anos atuais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALONSO, A. **A Política das Ruas**: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. Novos Estudos Cebrap Especial. São Paulo. Jun/2017. Pp. 49-58.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Ciência Política I**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília. 1 ed. 1998.

BRINGEL, B; DOMINGUES, J. C. (orgs.). **As jornadas de junho em perspectiva global**. Rio de Janeiro. Netsal, IESP/UERJ. 2013.

FERES JR, J. ; MIGUEL, L. ; BARBARELA, E. **A mídia impressa na cobertura das manifestações de junho**. In: Encontro Anual da ANPOCS 38. 2014. Anais. São Paulo: ANPOCS, 2014.

GOHN, M. da G. **A sociedade brasileira em movimento**: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. Caderno CRH. Salvador. v. 27, n. 71. Mai/Ago 2014. Pp. 431-441.

_____. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MADEIRA, R. M.; TAROUCO, G. da S. **Esquerda e Direita no Brasil**: uma análise conceitual. Revista Pós Ciências Sociais, vol. 8, n. 15, jan/jun. 2011. Pp. 171-186.

SADER, E. **O anjo torto**: esquerda (e direita) no Brasil. São Paulo: Brasiliense. 1995.

SCHEEFER, F. **Esquerda e direita**: velhos e novos temas. 38º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, MG.

_____. **Ideologia e comportamento parlamentar na câmara dos deputados**: faz sentido ainda falar em esquerda e direita? Florianópolis, SC. 2016.

SCHERER-WARREN, I. **Manifestações de rua no Brasil 2013**: encontros e desencontros na política. Cadernos CRH. Salvador. Vol. 27, n.71. Mai/Ago 2014. Pp. 417 – 429.

SINGER, A. **Brasil, junho de 2013**: classes e ideologias cruzadas. Novos Estudos Cebrap. N. 97. Nov/2013. Pp. 23-40.

SZWAKO, J.; DOWBOR, M. **Respeitável Público**: Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. Novos Estudos Cebrap, n. 97, 2013. Pp. 43-55.